

Vida própria, sim senhor

Localidades situadas em volta do Plano Piloto têm atrações que contestam o rótulo de cidades-dormitório que lhes é atribuído

Ricardo Mendes (texto)
Adauto Cruz (fotos)
Da equipe do Correio

Toda vez que o noticiário cita Planaltina como cidade-dormitório de Brasília, uma ponta de ressentimento deveria incomodar seus habitantes. Afinal, uma igreja branca originada em 1811, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, lembra aos moradores que Planaltina tinha vida própria muito antes de Brasília come-

çar a ser construída. Mais de um século de história ficou obscurecido pelo duvidoso status que a localidade adquiriu: o de periferia da Capital Federal. Mas esse não é um caso único. Quem mora em cidades como Taguatinga, Guará, Ceilândia e Brazlândia tem todo o direito de se incomodar quando aquelas pessoas que praticamente só transitam entre o Aeroporto Internacional de Brasília e a Esplanada dos Ministérios acham que o Distrito Federal é terra apenas de órgãos e

funcionários públicos. Cada uma dessas localidades vem desenvolvendo vida e cultura próprias. Só não sabe quem não as conhece e ainda crê serem somente cidades-dormitório. Planaltina e a Vila Planalto guardam registros da história desse pedaço de cerrado que o presidente Juscelino Kubitschek transformou em capital do país. Taguatinga e Guará afirmam-se pelo comércio. Brazlândia e Sobradinho desfrutam de boas paisagens, fontes de renda e emprego. Ceilândia e

Cruzeiro destacam-se pelo valor dado à cultura popular — seja o repente nordestino ou o samba. Se outras cidades do Distrito Federal, como Recanto das Emas e Riacho Fundo, ainda são novas demais para terem suas próprias tradições, uma coisa é certa: a história desses locais está em construção. Como aconteceu com os fazendeiros de Planaltina ou os feirantes do Guará, a tradição é feita cotidianamente, pela vida e pelo trabalho de quem se orgulha do local onde mora.



PLANALTINA

No fim da primeira década do século XIX, um grupo de católicos liderados pelo fazendeiro José Gomes Rabello prometeu construir um templo se conseguisse se livrar de uma epidemia — provavelmente, de malária. A promessa foi cumprida. A data de 20 de janeiro de 1811 marcou a fundação da Igreja de São Sebastião e do Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas. Assim, nasceu Planaltina, que só ganharia esse nome em 1917. No início, a igreja era um casebre rústico. Em sua volta, fazendeiros ergueram as primeiras casas da vila. Mais tarde, em 1880, ela foi ampliada para a forma atual. O piso, remanescente da época dos escravos, é de pedra. Bem conservada por fora, precisa de uma reforma no telhado e de registros que contem sua história aos visitantes.



CRUZEIRO

A migração de servidores públicos que vieram do Rio de Janeiro fez do Cruzeiro a terra do samba. No começo, eram vizinhos e amigos que se juntavam nas casas para bater. Em 21 de outubro de 1961, um grupo de moradores criou a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc). No ano seguinte, em janeiro, o presidente da escola de samba carioca Portela, José Natal, oficializou as cores azul e branco na bandeira da Aruc, que se tornou afilhada dos portelenses. Assim surgiu a escola mais tradicional de Brasília, vencedora de 22 campeonatos — oito deles, consecutivos (86/93). A quadra da escola já recebeu shows de sambistas como Zeca Pagodinho, Jamelão, Martinho da Vila e Beth Carvalho. Hoje, a Aruc é presidida por Abelardo Monteiro Filho (foto), 42 anos.

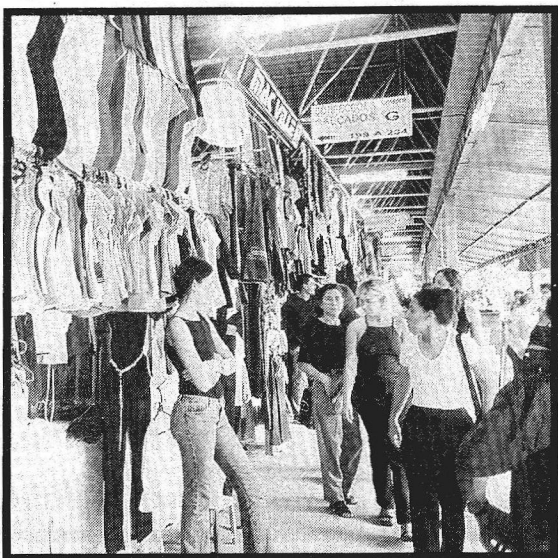


VILA PLANALTO

A vila nasceu em 1957, para abrigar engenheiros e técnicos que vieram construir a nova capital. Trinta anos depois, foi tombada, juntamente com o Plano Piloto. Ainda guarda casas no estilo dos pioneiros, com a madeira disposta de forma semelhante à do Catetinho. Desde 1994, quando construções de alvenaria na vila foram autorizadas pela Câmara Legislativa, a quantidade de imóveis originais tem diminuído. Mas, segundo o administrador do bairro, Rodolfo Nogueira Júnior, 40 anos, as residências de madeira ainda representam pelo menos 10% das 1.200 casas. Pior é a situação da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, construída em 1960: por causa de cupins, está fechada e pode desabar.

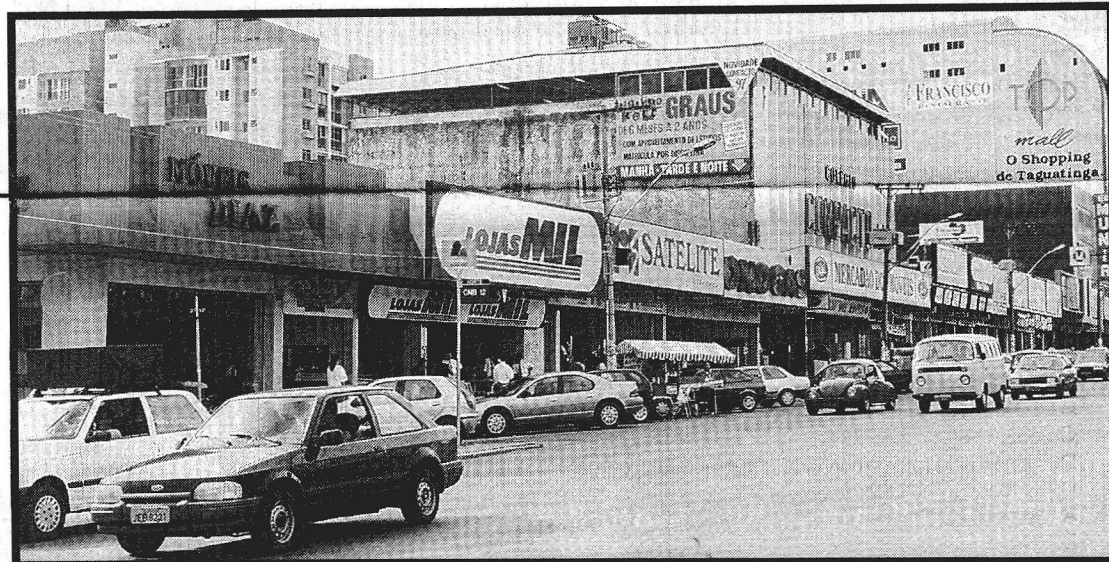
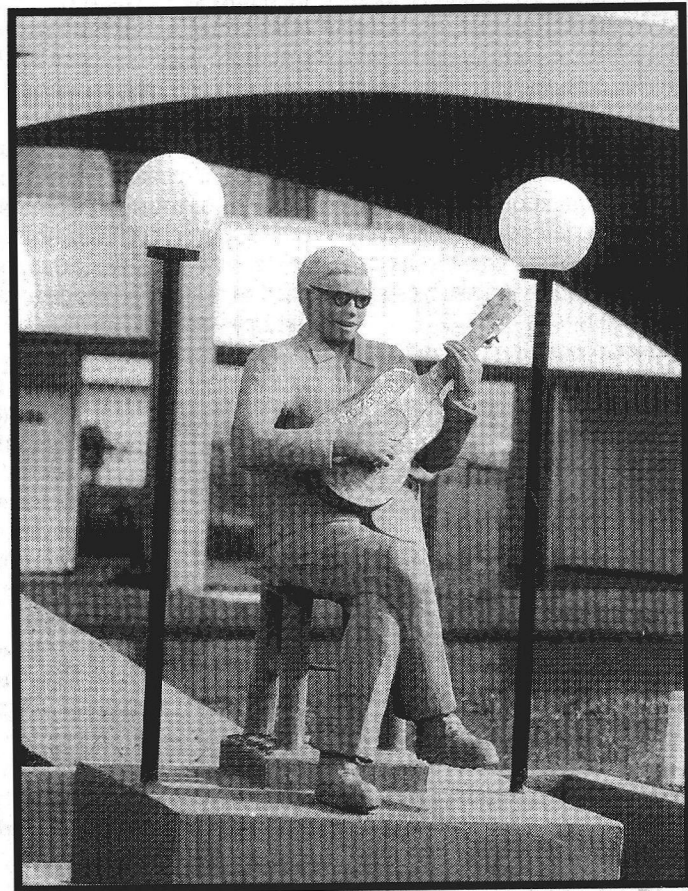
GUARÁ

Nada é tão tradicional no Guará quanto sua feira. Em 30 anos de história, ela ocupou seis endereços. Começou na QI 5 do Guará I, mudou-se para a QI 4, chegou à QI 7 em 1970 e à QI 17 três anos depois. Em 1976, foi transferida para uma área vizinha ao estádio do Cave. Perto dali, em 1984, ganhou um pavilhão próprio, permitindo aos comerciantes a organização do espaço, com banheiros públicos e provadores. Hoje, a feira tem 523 barracas. Mais da metade delas (340) vende confecções. Os artigos hortifrutigranjeiros ocupam outras 43 bancas. A variedade é espantosa: do colorido das barracas de brinquedos ao forte aroma dos temperos. Aberto de quinta-feira a domingo, o local tem bares, lanchonetes e restaurantes de comida regional.



CEILÂNDIA

Ceilândia é marcada pela cultura dos migrantes nordestinos. Não foi à-toa que a cidade acabou escolhida pelo governo local para abrigar a Casa do Cantador, inaugurada em 9 de novembro de 1986. A cada 15 dias, o local sedia desafios de repentistas. Três vezes ao ano, atrai artistas de todo o Nordeste para encontros nacionais. Projetada por Oscar Niemeyer, a Casa do Cantador tem um anfiteatro e uma biblioteca. Aberta de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, a biblioteca precisa de doações de livros, mas guarda bom acervo de literatura de cordel e obras de escritores como Ariano Suassuna e Graciliano Ramos. À noite, a cultura do Nordeste em Ceilândia manifesta-se também nos salões de forró. E, de dia, nas feiras (são mais de dez), com venda de pratos típicos.



TAGUATINGA

A força taguatinguense está no comércio, e um dos ramos mais explorados é a venda de móveis. Somente na Avenida Comercial Norte, há 51 lojas desse tipo — das que vendem móveis usados até aquelas com produtos exclusivos. A concentração desses estabelecimentos, mais sentida nas quadras CNB 11 e CNB 12, já motivou até campanha publicitária cujo mote era "Taguatinga, a cidade dos móveis". Mas, como ocorre em outros setores, a recessão vem provocando falências. Os empresários de Taguatinga destacam-se também por sua organização, representados pela Associação Comercial e Industrial de Taguatinga. Em maio deste ano, uma nova entidade foi criada: a Associação dos Lojistas da Avenida Comercial (Alac), com 420 filiados.

SOBRADINHO

A serra de Sobradinho tem paisagens que favorecem o turismo rural, com restaurantes, hotéis-fazenda e acampamentos. Restaurantes como o Rancho Canabrava (591-1694) e Trem da Serra (501-0034) — famoso por seu leitão à pururuca — servem comida regional em ambiente bucólico. É preciso reservar mesa nos fins de semana, quando lotam. Há também locais de lazer como a Fazenda Velha (501-2407), que mantém um casarão colonial de 1884 com antigos utensílios rurais e ainda oferece cavalos e charretes para passeios, além de comida caipira. Quem preferir pode passar dias inteiros no campo. Para isso, há pousadas como a Bela Vista (487-1164) e locais como o acampamento da Rhema Eventos e Agroturismo (500-0957), com piscina, quadra esportiva e cavalgadas.



BRAZLÂNDIA

A principal atração turística de Brazlândia surgiu há 21 anos. É o Lago Espelho D'Água, localizado no centro da zona urbana da cidade e formado artificialmente a partir do Riacho Veredinha. Sua superfície mede 86,4 mil metros quadrados. Nos feriados e fins de semana, o lago atrai praticantes de esportes aquáticos, como jet-ski e canoagem. É nas margens, porém, que o lazer se concentra. Em volta do lago, há 43 quiosques para venda de comida e bebida. Eles servem de atração, principalmente, para a juventude. O local é também o mais frequentado em festividades como o carnaval e o aniversário de Brazlândia, comemorado em 5 de junho. Situada em região de economia agrícola, a cidade tem muitos recantos bucólicos na zona rural, povoada no início do século.